

# A felicidade geral das nações



MARCELO  
CÔRTE  
NERI

**M**e lembro há doze anos quando coloquei pela primeira vez um par de óculos ajustados para miopia. A minha sensação de começar a perceber a profundidade e clareza das coisas ao meu redor foi indescritível. Olhava maravilhado os contornos do mundo a minha volta, bem mais sutis e interessantes do que eu percebia até então! Similarmente, as possibilidades de enxergarmos os detalhes de nossa sociedade tem evoluído ao longo do tempo. Um marco importante neste processo foi a decisão do IBGE em 1995 de disponibilizar os microdados de suas pesquisas de forma concomitante com a liberação de tabulações e relatórios do instituto. Este pequeno grande passo conferiu a cada um a liberdade de olhar para os dados sociais brasileiros desde uma perspectiva própria, e não pré-formatada. A independência e a transparência de instituições oficiais como o IBGE e o Ipea é hoje tão importante quanto a do Banco Central. Hoje, a cada PNAD, Caged entre as muitas siglas desta maravilhosa sopa de letras e números, a sociedade brasileira debate as suas conquistas e percalços

com mais propriedade e interesse. O ambiente mais democrático em termos políticos e de acesso a informação propiciado pela chamada era da informação e da comunicação, contribuem para a transparência e lisura do debate social. Me lembro de ler no "New York Times" em 1994, mais ou menos na mesma época que fui introduzido aos óculos, matérias sobre assuntos da sociedade como os determinantes do desemprego das mulheres ou do peso das crianças, eu pensava comigo quão distantes disto estávamos então no Brasil. À época pensamos antes de tudo na inflação nossa de cada dia, que distorcia nossos sentidos e preocupações.

As conquistas de acesso à informação passam por avanços contínuos e saltos discretos descritos acima como a a estabilização, a abertura pública de informações, a invenção da internet (dizem que o Al Gore foi o autor da façanha) etc. Hoje eu estou particularmente excitado — esta é a palavra — com as possibilidades propiciadas pelas lentes de última geração de pesquisas internacionais, do qual o World Survey da Gallup, talvez seja o melhor exemplo. Esta nova safra de pesquisas carregam duas inovações importantes. Em primeiro lugar, aplicam um mesmo questionário a amostras representativas de mais de 130 países, propiciando comparabilidade global com a flexibilidade oferecida pelo processamento de respostas individuais (microdados). A outra novidade é sobre o tipo

de pergunta que se faz, lado a lado com as perguntas tradicionais de surveys. Pergunta-se diretamente sobre subjetividades individuais e coletivas; sejam locais, nacionais e globais. Permitindo mergulhar sobre como as pessoas formam suas aspirações, atitudes e expectativas, começando o longo questionário pelo nível percebido de felicidade pelo entrevistado, passando por avaliações sobre a situação do sistema educacional nacional, chegando a avaliações sobre a economia local das cidades onde vive o entrevistado. Esta pesquisa permite dar consequência a visão do nosso geógrafo, e cidadão do mundo, Milton Santos: "o homem não vê o universo desde o universo mas vê o universo desde um lugar", e não era apenas a geografia que o célebre pensador parecia se referir.

O Centro de Políticas Sociais (CPS/IBRE/FGV) acabou de ser selecionado junto com outras instituições latino-americanas pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID, para ajudar na digestão — esta é a palavra — da safra global de dados do Gallup. Este ambicioso projeto marcará a celebração dos 50 anos do BID e tem como objetivo central trazer ao epicentro dos debates, a qualidade de vida vista por quem interessa — isto é, as pessoas por elas próprias. Detalhamos aqui em caráter preliminar alguns destes dados, sem implicar qualquer uma das instituições envolvidas na empreitada. Em primeiro lugar, e mais importante, como está o nível percebido de satisfação pela vida

dos brasileiros hoje (na verdade em 2006) vis a vis aos demais habitantes da aldeia global? Numa escala subjetiva de 0 a 10 pontos, os brasileiros se dão uma nota média de 6,61 contra 5,25 do resto do mundo e 5,64 do conjunto da América Latina. Para efeito de comparação, os EUA ficam com 7,09 contra 7,15 da Bélgica e 5,27 da Índia, referências recorrentes no debate social brasileiro. O recordista mundial de felicidade é a Dinamarca com 7,98 e o país lanterinha é o Chad na África com 3,36.

---

### **Brasileiros esperam mais felicidade em 2011 do que os dinamarqueses, segundo pesquisas, ocupamos o pódio mundial de 130 países**

---

Agora como a felicidade evoluiu nos últimos cinco anos no mundo? Ela passa de 4,84 em 2001 para os 5,26 de 2006. Ou seja, os cinco primeiros anos do milênio foram de avanço considerável e consistente com a expansão da economia mundial. Note que a mesma pergunta apontada para 2011 indica um valor 6,0 para o mundo. Ou seja, quando comparamos como nos enxergamos a cinco anos atrás com cinco anos à frente, esperamos um crescimento de 25% no nível mundial de felicidade percebida, sendo 2/3 do avanço esperado para a segunda metade da década. Este cenário positivo está em xeque hoje, pelas turbulên-

cias recentes dos mercados. O que me tranqüiliza é que o Presidente do FED, Ben Bernanke, que conhece mais do que ninguém que eu conheça, o papel de problemas de crédito na propagação de uma recessão.

No que tange a perspectiva esperada de felicidade para daqui a 5 anos, o Brasil supera todos os demais 130 países da amostra com uma nota de 8,24. Ou seja, na visão dos próprios brasileiros — e não do pesquisador que vos escreve — estaremos mais felizes em 2011 do que a Dinamarca que ocuparia o segundo lugar do pódio com 7,86. O menos otimista quanto ao futuro é o Paraguai, com 4,08. Obviamente, nosso resultado pode ser apenas uma representação imaginária otimista por natureza. Afim de controlar por aspectos culturais comparamos o nosso ganho esperado de felicidade nos próximos cinco anos com os atuais. O brasileiro espera ganhar, segundo a pesquisa, 2,56 nos próximos cinco anos, o que é superado por apenas dez países da amostra, com destaque para o salto de felicidade dos chineses de 3,04. Agora, na média, o nosso crescimento econômico não é chinês, quais seriam os determinantes do otimismo tupiniquim? A redução da desigualdade desde 2001? Refração eleitoral em 2006? Não percam o próximo artigo.

---

**Marcelo Côrtes Neri**, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Retratos da Deficiência", "Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas" e "Ensaio sociais".  
E-mail: mcneri@fgv.br